CMP 3.2.4.52

30-VIII-1980

FOLHA DE S. PAULO

Ópera/Crítica

Georges Pappas demonstra reais qualidades de voz

"Semiramide", um marco no Municipal

JOÃO CANCIO PÓVOA FILHO

Tratando-se de obra muito pouco conhecida do público brasileiro, já escrevemos em 24.8.80 sobre a gestação da "Semiramide", e em 27.8.80 sobre a sua carreira nos principais teatros líricos do mundo, desde a estréia em Veneza, em fevereiro de 1823.

Como já foi anunciado, a versão que inaugurou a Temporada Lírica do corrente ano do Municipal de São Paulo, quarta-feira última, é a preparada pela importante Fundación Teresa Carreño, de Caracas, onde a ópera subiu à cena em fevereiro deste ano, obtendo grande êxito de público e de crítica.

Não se pode dizer que a montagem venezuelana seja grandiosa, tendo em vista a oportunidade que o faustoso ambiente oriental da Babilônia dá a qualquer cenógrafo hábil e imaginoso. De fato, os cenários são de concepção modesta, mas, como justificativa, há a considerar a louvável preocupação do artista quanto à sua funcionalidade, quanto à troca rápida de cenas, numa obra que consta de, nada menos, dez quadros. O guarda-roupa, ao contrário, é rico e vistoso, conquanto nem sempre beneficiado pela iluminação.

O regista Renzo Frusca, talvez por estar lidando com figurantes e comparsaria compostos de elementos novos, não afeitos à cena lírica, preferiu manter uma linha comedida, prudente, sem arriscar-se em maior e melhor movimentação das massas, como seria desejável, sobretudo em alguns momentos de grande comoção geral (quando se apaga o fogo sagrado do altar, quando se ouve o estrondo no túmulo de Nino, ao surgir, mais tarde, o seu espectro, etc.): a comparsaria permaneceu semi-estática, quase indiferente aos estranhos acontecimentos. De resto, dentro da sua concepção convencional, realizou um trabalho correto.

O maestro Massimo Pradella, à frente da nossa Orquestra Municipal, demonstrou profundo conhecimento da partitura e, para gáudio de todos, um pouco mais de entusiasmo e vivacidade — tão indispensáveis à música de Rossini — na récita inaugural do que no ensaio geral de segunda-feira.

Os coros — conquanto tivessem tido tempo exíguo para ensaiar uma ópera que não conheciam e na qual têm intensa participação, devido ao atraso com que chegaram as partituras — estiveram magníficos, sempre afinados e em perfeita comunhão com a orquestra. A impressionante "stretta" do final do 1.º ato, "Ah! Sconvolta nell'ordine eterno" teve uma força rítmica admirável, transfigurando o típico crescendo rossiniano.

O espetáculo, no seu conjunto, foi de alto nível artístico, desses que podem figurar em qualquer teatro lírico de responsabilidade do mundo.

A protagonista Adelaide Negri é um extraordinário soprano dramático-coloratura, de belo timbre, graves bem apoiados, próprios do registro, e uma extensão incomum que, como a Callas, lhe permite abraçar o mais variado e difícil repertório: Selika (L'Africaine), Norma, Elvira (I Puritani), Semiramide, La Traviata, Lucia, Tosca, etc., e, certamente, será também uma esplêndida Armida (Rossini). Venceu a intensa vocalização da extenuante partitura — possivelmente mais exaustiva do que a Norma! — com brilho, sem demonstrar o menor cansaço. Artista consumada, dona da cena, movimentou-se sempre com elegância e propriedade, mas seria injusto não destacar a sua grande ária do 1.º ato, "Bel raggio lusinghier", seguida da indefectível cabaletta "Dolce pensiero", esta arrematada com um bem e empostado mi-bemol superagudo, e o duo do 2.º ato, com Arsace, "Ebbene... a te: ferisci", talvez o ponto culminante da obra.

O papel de Arsace, como se usava na época, foi feito em 'travesti' pelo meio-soprano rossiniano Martine Dupuy, voz de mediano volume, de agudos e graves vibrantes mas que se descolore um pouco no registro central, quando por vezes é coberta pela orquestra. Dupuy canta em boa escola, venceu com facilidade o virtuosismo da música de Rossini; esteve, porém, melhor no ensaio geral, pois a queda de temperatura de cerca de 15.º/C ontem ocorrida afetou-lhe as cordas vocais, como se verificou logo no final da cabaletta "Oh! come da quel d" ao emitir o si-bemol agudo.

Georgen Pappas, o Assur, é também um artista de reais qualidades de voz e impressionante "stage presence", desses que vivem intensamente o seu papel. Voz redonda e bem timbrada de baixo-cantante, atingindo com facilidade o fá grave, teve o seu momento máximo no 4.º quadro do 2.º ato, a emocionante Cena da Loucura, 'Deh!... ti ferma ... ti placa ... perdona", cantada e representada de maneira admirável.

Idreno, o rei da Índia, foi o patrício Raimundo Mettre, desconhecido da platéia paulista. Tenor lírico-ligeiro de timbre insinuante e extensão vocal incomum — atinge o fá-natural superagudo com facilidade — foi uma das muitas agradáveis surpresas da temporada que ora se inicia. Tratando-se de registro tão adequado ao bel-canto de Rossini, Bellini e Donizetti, e do qual não há muitos na cena lírica internacional contemporânea, é certo que Mettre fará carreira brilhante, pois dispõe de todos os recursos para tal. Na sua dificílima ária "Ah! dov'è il cimento" — em geral omitida por não haver tenor capaz de cantá-la — emitiu três dós agudos e um ré natural, sem esforço visível. Faremos apenas um reparo ao jovem cantor: precisa restringir a sua excessiva gesticulação.

O baixo-cantante Jean-Charles Gébélin também agradou a todos: voz vibrante, de agudos e graves fáceis, compôs a figura do Gran-Sacerdote de Baal com propriedade e distinção. O seu "Falstaff", que esperamos ver, deve ser excelente.

Os demais — Vera Lúcia Pessagno (Azema); José Bassetti (o Espectro do rei Nino); e Hector Pace (Mitrane) — deram contribuição efetiva.

Está, pois, de parabéns o secretário Mário Chamie: homem culto e educado, compreendeu que lhe cabia a tarefa de restabelecer a dignidade do Municipal, ferida na administração passada com espetáculos indignos da tradição do nosso principal teatro, inclusive no tocante à ópera, que em 1979 atingiu o descalabro. E tal tarefa vem sendo realizada, sem alardes e falsas estatísticas, com resultados indiscutíveis. Aí está esta "Semiramide" soberba que ficará como um marco na história do Teatro.